

Reflexões sobre a área de pesquisa Filosofia da Psicanálise: um depoimento sobre sua constituição em São Paulo

Richard Theisen Simanke

Resumo

Este artigo visa contribuir para uma reflexão sobre o diálogo entre Filosofia e Psicanálise a partir dos anos 1970 no que se refere à apropriação realizada por intelectuais brasileiros, em especial no cenário paulista. Acontecimentos significativos como a dissertação de Mezan, a tese de Monzani e o papel político e intelectual de Bento Prado Jr., entre outros, marcaram de maneira indelével a forma como se estabeleceu o diálogo entre Filosofia e Psicanálise no Brasil. É a partir dessas peculiaridades que se pode refletir sobre a construção e desenvolvimento de um campo de pesquisa chamado *Filosofia da Psicanálise* como uma contribuição brasileira.

Palavras-chave: Filosofia da Psicanálise; Psicanálise no Brasil; Filosofia; São Paulo.

Introdução

As questões que estão em torno da filosofia e da psicanálise não são simples e nem mesmo própria dos dias atuais. Principalmente, no que tange à psicanálise é interessante notar que nos seus primórdios as questões filosóficas se apresentam, quando endereçadas a ela, de modo a causar tensões e grandes pejejas, o que levou a muitos a tecerem severas críticas à teoria de Sigmund Freud e a seus discípulos. É nesse terreno bastante

conturbado e repleto de debates que a Filosofia da Psicanálise se apresenta como um campo de pesquisa que privilegia um profícuo diálogo entre esses dois saberes, tendo uma constituição muito peculiar no Brasil.

Para escrever sobre esse contexto, convidamos o professor Richard Theisen Simanke, como reconhecido pesquisador que é na área da Filosofia da Psicanálise, a dar seu depoimento sobre a forma como os brasileiros, em especial no cenário acadêmico paulista, apropriaram-se deste diálogo ao longo das 4 últimas décadas. Inicialmente, pensamos este artigo como uma entrevista. Porém, o prof. Simanke, em sua generosidade que lhe é peculiar, preparou-nos este belo artigo com referências importantíssimas tanto dos autores estrangeiros como de nossos autores. Propusemos-lhe algumas questões gerais e a partir delas ele confeccionou o texto abaixo. Assim, Simanke nos leva a um breve e instigante percurso histórico da *Filosofia da Psicanálise* em São Paulo.

Uma breve exposição do diálogo entre Filosofia e Psicanálise – o cenário europeu

Francisco Ronald Capoulade Nogueira: *Quando e como nasce a relação entre filosofia e psicanálise? Quais são os autores clássicos nessa área?*

Richard Theisen Simanke: Dependendo de como se entenda “relação”, pode-se dizer que ela nasce muito cedo. O próprio Freud refere-se ao seu interesse inicial pela filosofia, que depois foi redirecionado à medicina e às ciências naturais. Na sua correspondência com Wilhelm Fliess (Masson, 1986), numa das primeiras vezes em que aparece o neologismo “metapsicologia”, Freud diz que está retomando seu interesse pela filosofia através da psicologia. Sabemos, por outro lado, que Freud acompanhou dois anos de cursos de filosofia de Franz Brentano na Faculdade de Medicina de Viena, bem mais do que era requerido pelo currículo. Em sua correspondência com Eduard Silberstein (Boehlich, 1989), que cobre seus anos universitários, fica claro o impacto que Brentano teve sobre ele naquele momento. Essa não é uma

influência filosófica muito trabalhada pelos estudiosos da psicanálise. William McGrath é um dos poucos historiadores da psicanálise que eu conheço que lhe concede destaque, em seu *Freud's Discovery of Psychoanalysis: The Politics of Hysteria* (McGrath, 1986), Há mais um punhado de artigos a respeito, não muito (Barclay, 1964; Merlan, 1945; 1949). Isso serve para mostrar como o estudo das influências filosóficas de Freud ainda está incompleto. Freud cita Stuart Mill (1979) em seu estudo crítico das afasias (Freud, 1992) numa passagem crucial do texto, em que desenvolve os conceitos de representação de palavra e representação de objeto, que utilizará durante toda a sua obra. Ele o conhecia bem, pois traduziu um conjunto de seus ensaios sociais e políticos para o alemão (um trabalho, aliás, que lhe foi conseguido por Brentano). Enfim, essas observações servem para mostrar que o diálogo com a filosofia esteve presente desde o nascimento da psicanálise, em seus primeiros momentos. As influências filosóficas mais comentadas são, claro, aquelas pertencentes à tradição alemã; Nietzsche e Schopenhauer são constantemente mencionados, há uma vasta literatura a respeito (Assoun, 1976; 1980; Nitzchke, 1998; Lehrer, 1994; entre muitos outros). Nem vale a pena se deter muito nisso. Depois, aparecem aquelas famosas observações supostamente antifilosóficas de Freud, em que ele parece querer afastar a psicanálise da filosofia (Raicovic, 1994). Mas afirmar que há uma diferença entre essas duas formas de conhecimento não significa necessariamente desqualificar a filosofia. Essas observações fazem parte da argumentação de Freud de que a psicanálise é uma ciência – uma ciência natural, mais especificamente – e que, portanto, é algo distinto da filosofia. Fala-se muito de fato de que Freud comparou a filosofia ao delírio paranoico como prova de que ele, de alguma maneira, desdenhava a filosofia. Mas, em primeiro lugar, essa observação não se refere à filosofia como um todo: o que Freud compara ao delírio paranoico são os grandes sistemas metafísicos, em que, a partir de alguns postulados, deduz-se o mundo através de um exercício puramente especulativo – ou seja, aquela mesma metafísica cuja impossibilidade Kant classicamente demonstrou. Mas ninguém diria que, por isso, Kant foi um antifilósofo; muito antes pelo contrário, ele é o filósofo paradigmático, até mesmo nas suas esquisitices.

Nesse sentido, pode-se comparar essa metafísica com a paranoia, já que o delírio faz mais ou menos a mesma coisa, embora os postulados sejam determinados pelos fatores condicionantes da doença. Afinal, a presença de delírios sistematizados é uma característica definidora da paranoia, desde as origens do conceito na psiquiatria. Se olharmos para as memórias do jurista Daniel-Paul Schreber, cuja interpretação psicanalítica Freud publicou em 1911 (Schreber, 1995; Freud, 1975a), encontramos lá uma teoria delirante sobre a alma, sobre o mundo e sobre Deus, muito sistematicamente desenvolvidas e articuladas entre si. Ou seja, os objetos da psicologia, da cosmologia e da teologia racionais, as áreas tradicionais da metafísica. Essa semelhança formal contribui para a formulação da famosa analogia Freud. Porém, Freud também compara a histeria com a arte e a neurose obsessiva com a religião, às vezes numa mesma passagem (Freud, 1975b). Isso não quer dizer que ele pense que a arte não tenha valor, porque se parece com um sintoma histérico.

Saindo um pouco da referência exclusiva a Freud, pode-se mencionar James Putnam, um neurologista norte-americano de Harvard de fortes inclinações filosóficas e também um dos pioneiros da psicanálise nos Estados Unidos. Já no terceiro Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Weimar, em 1911, ele apresentou um trabalho intitulado “Sobre a significação das intuições e da formação filosófica para o desenvolvimento do movimento psicanalítico”, em que defendia um vínculo mais estreito entre a psicanálise e a filosofia. Ferenczi (1991) escreveu uma crítica da conferência de Putnam no ano seguinte, mas essa crítica se endereçava mais à sugestão de que a psicanálise se beneficiaria de um vínculo mais estreito com certos sistemas filosóficos particulares (uma filosofia idealista, na visão de Putnam) e não à relação com a filosofia em si. Em suma, Ferenczi defende que a psicanálise mantenha uma relação mais aberta com a filosofia, sem uma relação exclusiva com essa ou aquela filosofia em particular, incorporando as noções que se revelem compatíveis com suas descobertas clínicas e empíricas e com suas próprias formulações conceituais. Em todo caso, o que ele *não* defende é o fechamento da psicanálise diante da filosofia.

Outra questão relacionada é a da recepção filosófica da psicanálise,

como ela foi lida e interpretada pelos filósofos profissionais e pela filosofia acadêmica. Talvez o primeiro ensaio filosófico mais ambicioso sobre a psicanálise tenha sido o livro de Georges Politzer (1928), um filósofo de origem húngara radicado na França (às vezes se fala dele como romeno, porque a cidade em que nasceu fica hoje na Romênia; mas quando do seu nascimento pertencia à Hungria e, em todo caso, a sua ascendência é mesmo húngara). Politzer, ao longo dos anos 20 na França, desenvolveu o projeto do que ele chamou de “psicologia concreta”, em oposição à psicologia “abstrata” praticada pela academia francesa e que ele considerava apenas um simulacro das práticas científicas e experimentais das ciências maduras, como a física e a química. Mais para o fim da década, ele começou a por seu projeto no papel, redigindo o que considerava como os “materiais para uma psicologia concreta”, um inventário do que havia disponível e aproveitável no campo da psicologia para ser utilizado em seu projeto. A primeira parte desse inventário (na verdade, a única que ele efetivamente realizou) foi dedicada à psicanálise e publicada em 1928 sob o título de *Crítica dos fundamentos da psicologia*. Ali, faz, por um lado, um elogio da psicanálise, como a corrente psicológica que mais se aproxima de sua visão da psicologia concreta (ele também vê virtudes na psicologia da Gestalt e no behaviorismo norte-americano, mas não tanto). Por outro lado, contudo, endereça uma crítica bastante veemente àqueles aspectos do pensamento de Freud que ainda permaneceriam presos a uma visão abstrata da psicologia. Basicamente, a repartição era entre a clínica e o método psicanalítico – que privilegiam o sentido e a perspectiva do sujeito (a perspectiva da “primeira pessoa”) – e a metapsicologia freudiana – a seu ver, um discurso pseudocientífico que reintroduz, pela porta dos fundos, o objetivismo abstrato da psicologia, apresentando os processos psíquicos como coisas (perspectiva da “terceira pessoa”). Em consequência, é necessário distinguir entre o bom e o mau Freud, livrar a psicanálise da metapsicologia e conduzi-la ao seu lugar de direito como primeira encarnação de uma psicologia efetivamente concreta na história dessa ciência. Essa é uma posição que fez escola na crítica filosófica da psicanálise, sobretudo a de expressão francesa e a que é por ela influenciada, reaparecendo, por exemplo, no trabalho também

pioneiro de Roland Dalbiez nos anos 30, *O método psicanalítico e a doutrina de Freud* (Dalbiez, 1936). Dalbiez, um filósofo de orientação neotomista, considerava o método psicanalítico e as descobertas que este propiciara como valiosas, mas via muitos problemas e impasses não solucionados, formulações arbitrárias, coisas assim, na teoria que Freud desenvolvera para explicar essas descobertas permitidas pelo método. De novo, o bom Freud é o da clínica, do método e da interpretação e o mau Freud é o da teoria e da metapsicologia em particular. Isso se reflete até na estrutura do livro de Dalbiez: um volume sobre o método *psicanalítico* (ou seja, considerado como um patrimônio da psicanálise como um todo), mais descritivo e aprovador, e outro, bem mais crítico, sobre a doutrina *de Freud* (ou seja, considerada uma idiosincrasia freudiana). Paul Ricoeur – aliás, antigo aluno de Dalbiez – dá prosseguimento a essa tradição de leitura de Freud com o seu clássico *Da interpretação* (Ricoeur, 1965). Aí a repartição é entre a dimensão energética da psicanálise – uma teoria das forças psíquicas, ou seja, de novo, a metapsicologia – e sua dimensão hermenêutica ou interpretativa, que, novamente, tem a ver com o método e com a explicação dos acontecimentos psíquicos em termos de relações de sentido. Embora Ricoeur se esforce por manter uma posição mais ponderada e reconheça que, em Freud, uma dimensão não faz sentido sem a outra, ao fim e ao cabo, retorna-se a uma valorização da interpretação e a uma desvalorização da teoria de base metapsicológica formulada por Freud.

Esses são apenas alguns pontos de referência para a recepção filosófica da psicanálise no universo de expressão francesa ou que sofre sua influência (na cena brasileira, por exemplo, de que vamos falar mais adiante). Esse vínculo foi consideravelmente reforçado pela emergência da psicanálise lacaniana, que atingiu o máximo de sua repercussão no cenário intelectual francês entre meados dos anos 60 e meados dos anos 70. Ao contrário de Freud, sempre muito parcimonioso no reconhecimento de influências filosóficas sobre o seu trabalho, Lacan sempre dialogou intensivamente com a filosofia, trazendo os conceitos filosóficos para dentro do corpo teórico da psicanálise. Ele foi consideravelmente influenciado pelo modo como a filosofia alemã foi recebida e aclimatada ao gosto francês, sobretudo o neo-hegelianismo e a

fenomenologia já desde os anos 30. Ele acompanha o seminário de Alexander Kojève na École Pratique des Hautes Études a partir de 1933, junto com alguns daqueles que seriam os principais protagonistas da intelectualidade francesa no pós-guerra, como Queneau, Bataille, Hippolyte, Merleau-Ponty, Caillois, entre outros (Arantes, 1991). Kojève era um filósofo russo bastante eclético, que realizava uma leitura de Hegel baseada, sobretudo, numa interpretação fortemente antropológica da *Fenomenologia do Espírito*, que era temperada com doses generosas de marxismo e de filosofia heideggeriana (Kojève, 1947). Isso ajudou a preparar o caminho para a importação, por Lacan, de uma parte das ideias filosóficas de Heidegger nos anos 50. Como resultado, Lacan vai, por exemplo, redescrever o complexo de Édipo freudiano e, principalmente, a dinâmica da neurose obsessiva nos termos da dialética do senhor e do escravo, descrita na seção B do quarto capítulo da *Fenomenologia do Espírito* e que constituía o fulcro da interpretação de Kojève (o pai vai ocupar o lugar do senhor, o filho, o lugar do escravo, e assim por diante) (Lacan, 2007; 1975). Nos anos 50, Lacan reinterpreta a concepção freudiana da angústia a partir da significação ontológica que Heidegger lhe atribui na sua conferência *O que é metafísica?* (Heidegger, 2002; Lacan, 2004; Lacan, 1966). Esses são alguns exemplos, os mais conhecidos, mas Lacan também recorre, como se sabe, ao *Banquete* de Platão para tratar do desejo e, mais tarde, da transferência (Lacan, 2001); ao Um plotiniano para rever sua teoria do significante e afastá-la da concepção inicial ainda excessivamente ligada à linguística (Tribolet, 2008), ao Cogito cartesiano para repensar o sujeito do inconsciente (Lacan, 1973), e assim por diante. Como consequência, o debate entre psicanálise e filosofia é fortemente fomentado dentro dos círculos lacanianos, torna-se ponto pacífico que o estudo da filosofia é relevante para a psicanálise. Lacan, no entanto, não deixa de retomar à sua maneira a polêmica antifilosófica de Freud (que não era assim tão antifilosófica, como comentamos agora há pouco), às vezes em termos mais enfáticos e até mesmo virulentos. Eu, particularmente, acho que tanto passagens mais “filosóficas” quanto as mais “antifilosófica” de Lacan são, a maior parte das vezes, formuladas com uma intenção claramente metafórica e é preciso atentar para o que exatamente

ele está querendo expressar em cada ocasião. Eu até escrevi um artigo alguns anos atrás, publicado na revista *Natureza Humana*, discutindo o uso das referências filosóficas por Lacan, que se intitula justamente “Nem filósofo, nem antifilósofo” (Simanke, 2005). Mas, seja como for, é inegável que a influência lacaniana contribuiu bastante para intensificar o debate entre filosofia e psicanálise.

Isso no que diz respeito à cena francesa, à assim chamada filosofia continental. No campo da filosofia analítica e da filosofia da ciência no mundo de fala inglesa, há muito material produzido sobre a psicanálise, em geral de tom mais crítico, mas não necessariamente. É interessante que essa crítica também se enderece principalmente à metapsicologia, mas por razões opostas aos autores franceses. Aqueles tendiam a considerar a metapsicologia como um resíduo cientificista que precisaria ser expurgado da psicanálise; os filósofos anglo-saxões, ao contrário, tendem a ver na metapsicologia um conjunto de formulações especulativas, pobres de conteúdo empírico e, portanto, aquém dos padrões de objetividade requeridos para uma disciplina científica. Ou seja, os franceses rejeitam a metapsicologia por ela ser científica *demais*, e os ingleses e norte-americanos a rejeitam por ela ser científica *de menos*, por assim dizer.

Essa literatura é bem menos conhecida e utilizada no Brasil. O filósofo britânico e professor de Cambridge John Wisdom é provavelmente um dos pioneiros: seu livro *Philosophy and Psychoanalysis* aparece ainda nos anos 50 (Wisdom, 1953), mas o ensaio mais antigo sobre psicanálise no livro foi originalmente publicado em 1946. Um pouco mais tarde, em 1958, Alasdair MacIntyre, um dos mais importantes filósofos do século XX, sobretudo no campo da ética, escreveu um pequeno e brilhante ensaio intitulado *O Inconsciente: Uma Análise Conceitual* (MacIntyre, 2004), que permanece como uma dos mais importantes ensaios filosóficos sobre Freud. Mais recentemente, Richard Wollheim escreveu e organizou diversas coletâneas de ensaios críticos e filosóficos sobre psicanálise (Wollheim, 1974; Wollheim & Hopkins, 1983), além de escrever uma das melhores introduções disponíveis ao pensamento de Freud (Wollheim, 1981) que foi publicada primeiramente

em português naquela coleção da Cultrix, como *As ideias de Freud* e republicada diversas vezes desde então. O livro do filósofo da ciência norte-americano Adolf Grünbaum, *Foundations of Psychoanalysis* (Grünbaum, 1984) também marcou época e é hoje considerado um clássico. Pode-se objetar à sua crítica talvez excessivamente neopositivista da psicanálise, mas o livro é uma referência mais ou menos obrigatórias nesse tipo de discussão. Há várias respostas formuladas e publicadas à crítica de Grünbaum (Sachs, 1991). Um dos melhores ensaios nessa linha que eu conheço é o livro do filósofo australiano Nigel Mackay, *Motivation and Explanation: An Essay on Freud's Philosophy of Science*. Além de ser, de certa maneira, uma resposta à crítica de Grünbaum, ele é também uma resposta aos críticos da metapsicologia freudiana em geral (Holt, 1989a; 1989b; Gill, 1976), argumentando que esta tem relevância científica, dependendo da concepção de ciência que se adote (no caso de Mackay, basicamente, uma filosofia realista da ciência).

Enfim, o campo é imenso, só é possível traçar um breve esboço e dar alguns exemplos.

Os primeiros trabalhos e seus autores.

FRCN: *Como tal relação se desenvolveu no Brasil?*

RTS: Eu só conheço e, portanto, só posso falar de um cenário bem específico, que é o da filosofia acadêmica paulista, em que o estudo da psicanálise num contexto filosófico começou a ser desenvolver a partir dos anos 80 do século passado. Até onde consigo lembrar, o pioneiro ali foi o psicanalista Renato Mezan que defendeu uma dissertação de mestrado sobre Freud na pós-graduação em filosofia da USP em 1977, sob a orientação de Marilena Chauí. Não conheço nenhum outro trabalho acadêmico em filosofia sobre Freud realizado antes disso, pelo menos não formalmente. Marilena tinha interesses teóricos bastante abrangentes e era suficientemente receptiva para aceitar um projeto com esse tema. Na época, ou um pouco depois, a Editora Brasiliense estava lançando a coleção Primeiros Passos, de livros

introdutórios sobre os mais variados assuntos. Marilena escreveria o volume *O que é ideologia?*, que foi o grande best-seller da coleção (Chauí, 1980). Ela se comprometera, também, a escrever um volume sobre repressão sexual, mas, segundo seu próprio testemunho, ultrapassou em muitos as dimensões permitidas pela coleção, de modo que o livro acabou sendo publicado em outro formato, pela própria Brasiliense, com o título *Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida* (Chauí, 1982). Seja como for, esse é um tema que passa inevitavelmente por uma referência à psicanálise, de modo que se pode inferir que esta se encontrava no horizonte de seus interesses intelectuais entre o fim dos anos 70 e o início dos anos 80. Assim, é compreensível que ela tenha se disposto a orientar o mestrado de Mezan, concluído em 1977 e, depois, seu doutorado, concluído em 1981. Um pouco depois, em 1982, Luiz Roberto Monzani – que se tornaria, a seguir, uma das figuras fundadoras da filosofia da psicanálise no Brasil – defendeu também sua tese de doutoramento na USP, igualmente sobre Freud e sob a orientação de Marilena Chauí. Todos esses trabalhos, depois de revisados, ampliados e adaptados, foram publicados em forma de livro e contribuíram, assim, decisivamente, para disseminar essa ideia de uma leitura filosófica de Freud – filosófica, sobretudo, pelo método, ou seja, por se tratarem de análises conceituais sistemáticas – para um público mais amplo que os frequentadores dos cursos de pós-graduação em filosofia. Assim, o mestrado de Mezan deu origem ao seu *Freud: a trama dos conceitos*, publicado pela Editora Perspectiva (Mezan, 1982), e seu doutoramento foi publicado pela Editora Brasiliense, com o título de *Freud, pensador da cultura* (Mezan, 1985). O trabalho de Monzani – que, nesse meio tempo, tinha-se tornado professor da Universidade Estadual de Campinas – foi publicado pela Editora da Unicamp, com o título de *Freud, o movimento de um pensamento* (Monzani, 1989). Eu fiz meus estudos de graduação em psicologia nos anos 80, e o livro de Mezan, *Freud: a trama dos conceitos*, era um dos poucos trabalhos disponíveis que fazia uma análise geral do desenvolvimento do pensamento freudiano. Havia pouquíssimas alternativas para quem quisesse, como era o meu caso, entender alguma coisa da *teoria freudiana*, para além das peças soltas que recolhíamos aqui e ali em aulas, palestras, onde desse.

Similarmente, quando entrei na pós-graduação em 1988, assim que o livro de Monzani saiu em 1989, passou a ser devorado avidamente por todos que pretendiam realizar um trabalho teórico e acadêmico sobre Freud.

Falando da Unicamp, ali aconteceu outro passo importante desse processo. Em 1977, tinha sido ali criado, por iniciativa de Oswaldo Porchat, o Centro de Lógica e Epistemologia e História da Ciência (CLE), voltado para um trabalho interdisciplinar e reunindo pesquisadores de diversos setores da Unicamp e de outras instituições, e não só da filosofia. Em 1984, o CLE começou a oferecer um curso de pós-graduação lato sensu (especialização) em “Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise” o famoso FFPP. Essa iniciativa serviu para congregar em torno do projeto aqueles que trabalhavam na interface entre filosofia e psicanálise na Unicamp e em instituições associadas: Zeljko Loparic – cuja área de pesquisa transitava mais entre Kant e Heidegger, mas que começava então a se interessar por Freud –, que foi o primeiro diretor do FFPP; Osmyr Gabbi Jr., que vinha da psicologia, mas que defendera uma tese histórica e filosófica sobre os primórdios da obra freudiana na psicologia da USP e que agora estava na filosofia da Unicamp; Monzani, de quem já falamos; e Bento Prado Jr., que nesse momento já estava efetivado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), geograficamente próxima a Campinas e onde em breve surgiria uma pós-graduação stricto sensu em filosofia com uma linha de pesquisa voltada para a psicanálise.

Bento Prado Jr. merece uma atenção especial nesse processo, porque, embora o seu envolvimento com a psicanálise tenha sido bastante localizado e breve, ele desempenhou, intelectual e institucionalmente um papel crucial da constituição dessa área de pesquisa. Formado na USP – na tradição da história da filosofia de inspiração francesa, mas, paralelamente, com fortes inclinações pela literatura (Arantes, 1994) –, Bento vinha de um histórico de pesquisa que passara por Sartre, Bergson e vinha se direcionando para Rousseau, quando a repressão política do golpe militar interrompeu sua carreira acadêmica com as cassações na USP. Exilado na França, prosseguiu seu trabalho sobre Rousseau como pesquisador do CNRS (*Centre National de Recherche Scientifique*) francês, e retornou ao país em meados dos anos 70,

mas ainda sem poder lecionar em instituições públicas ou financiadas pelo Estado. Em 1977, foi convidado a ingressar na Universidade Federal de São Carlos, convite que aceitou também por razões políticas, porque, na ocasião, seria o primeiro professor cassado pelo golpe militar a ser recontratado por uma universidade pública. Mas lá não havia filosofia. Na verdade, o único curso da área das humanidades na época era o curso de Pedagogia; o ponto forte da UFSCar era a área de Engenharia e Tecnologia, como é até hoje. Bento, então, ingressou num dos Departamentos que se encarregavam da condução do curso de Pedagogia. Havia dois: o Departamento de Tecnologia Educacional, que congregava o pessoal mais estritamente relacionado à área de Educação, e o Departamento de Fundamentos Científicos e Filosóficos da Educação (o DEFUCIFE). Este último tinha um pouco de tudo, reunia todos os professores não diretamente vinculados à área de Educação no seu sentido mais técnico; havia sociólogos, advogados, muitos psicólogos e, entre todos esses, também filósofos. Além de Bento Prado, Wolfgang Maar, formado pela USP e trabalhando na área de filosofia política, chegou à UFSCar em 1979 e permanece lá até hoje; Scarlett Marton, depois professora da USP, também passou 07 anos no DEFUCIFE, entre 1978 e 1985 (Marton, 2004).

Dentro desse grupo eclético, Bento procurou com quem dialogar e trabalhar academicamente em conjunto. O grupo com melhor formação científica e teórica eram os psicólogos do DEFUCIFE e, com eles, mais o pessoal da filosofia e outros interessados, teve início um seminário regular, que passou por obras clássicas de interpretação filosófica da psicologia, como o *The Concept of Mind* de Gilbert Ryle (1949) e as incursões que o linguista francês Émile Benveniste fizera pela psicanálise (Benveniste, 1966; 1974), entre outros. Desse seminário, resultou a coletânea *Filosofia e comportamento*, organizada por Bento e publicada pela Editora Brasiliense (Prado, 1982). Resultou também a criação do Laboratório de Epistemologia da Psicologia e da Psicanálise, que formalizou institucionalmente as atividades de grupo. Quando o FFPP da Unicamp começou a funcionar em 1984, foi feito um convênio entre as duas universidades e Bento Prado passou a participar do corpo docente daquela especialização. Então, em 1986, ocorreu a chamada “redepartamentalização”

na área de ciências humanas da UFSCar. O projeto de abertura de outros cursos de graduação, além do de Pedagogia estava em andamento e novos professores estavam sendo contratados. Isso criou a necessidade de se organizarem novos departamentos para que se responsabilizassem por esses cursos. O DEFUCIFE, que era um departamento grande e heterogêneo acabou sendo desmembrado nesse processo, dando origem, ao fim e ao cabo, às unidades que existem até hoje, como o Departamento de Psicologia, de Ciências Sociais, etc. Bento e mais um grupo relativamente pequeno de professores (10 pessoas) fundaram então o Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências (DFMC). Os filósofos ficaram nesse departamento, mas também havia psicólogos, sociólogos, advogados, etc. O que os unia eram mais os laços de amizade e afinidades pessoais do que um projeto acadêmico comum e bem definido. Eles mesmos me disseram isso muitas vezes depois ao recordar o processo. O problema era que era preciso justificar a existência do novo departamento, para além das disciplinas oferecidas para outros cursos; o grupo, contudo, era reduzido demais e, ainda assim, heterogêneo demais para poder arcar com um curso de graduação em filosofia. A solução acabou sendo um projeto de pós-graduação, dessa vez *stricto sensu*, em filosofia, mas com um perfil mais interdisciplinar, capaz de abarcar a formação diversa dos professores do DFMC que dela se encarregariam. Nasceu, assim, o Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Metodologia das Ciências, que iniciou suas atividades em meados de 1988, com uma linha de pesquisa voltada para a epistemologia das ciências humanas, mas com um destaque especial para a psicologia e a psicanálise, que se torna compreensível a partir de sua história pgressa. O próprio Bento não permaneceu muito tempo ligado à pesquisa filosófica sobre a psicanálise, reorientando seus interesses para outros autores (como Deleuze e Wittgenstein, por exemplo) e questões (o problema do sujeito e da ipseidade, por exemplo) que haveriam de ocupa-lo no período final da sua produção (Prado, 2004). Mas, com certeza, seu prestígio intelectual e a seriedade com que abordou a psicanálise contribuíram em muito para conferir respeitabilidade a essa área de pesquisa dentro dos meios filosóficos. Hoje em dia, poucos discordariam que a psicanálise é uma questão filosófica

perfeitamente legítima, e o fato disso ser estudado nas instituições de pesquisa em filosofia não causa mais estranheza, mas nem sempre foi assim.

Foi com a criação do PPG em Filosofia e Metodologia das Ciências que eu comecei a fazer parte dessa história. Eu tinha me graduado na UFRGS, em Porto Alegre, no início do ano e procurava um lugar para fazer a pós-graduação onde pudesse estudar a teoria psicanalítica, que era o que mais me interessava. Na época, nunca tinha ouvido falar de São Carlos, nem da UFSCar. Bento Prado era um nome que eu conhecia vagamente como o autor de alguns artigos sobre psicanálise que tinham sido publicados na sua coletânea *Alguns ensaios*, nos anos 80 (Prado, 1985). Uma colega de formatura, também em busca de uma pós-graduação, viajara ao Rio de Janeiro para conhecer o PPG em Teoria Psicanalítica da UFRJ, que também estava começando, e passou pela PUC de São Paulo (também já com tradução nos estudos sobre psicanálise, Mezan já lecionava lá) e pela Unicamp (onde funcionava o FFPP). Lá ficou sabendo da iminente abertura da pós-graduação na UFSCar, e passou por lá também para se informar. Na volta a Porto Alegre me passou essas informações, achando que eu me interessaria mais por uma pós-graduação em filosofia. Foi assim que eu me candidatei e ingressei na primeira turma do novo curso, admitida em agosto de 1988. Minha dissertação, defendida em janeiro de 1992, foi a primeira a ser defendida no Programa e acabou dando origem ao meu primeiro livro, *A formação da teoria freudiana das psicoses*, publicado inicialmente pela Editora 34 e republicado, mais recentemente, pela Loyola (Simanke, 2009). Enquanto fazia o meu doutorado na filosofia da USP, sob a orientação de Paulo Arantes (que, gentilmente, aceitou orientar uma tese sobre Lacan), passei num concurso para professor do DFMC e fiquei lá até 2012, quando me transferi para a UFJF, em Juiz de Fora. Durante esse período, além de atuar eu mesmo como orientador na pós-graduação da UFSCar a partir de 1997 quando me doutorei, pude assistir a expansão dessa área de pesquisa que trabalha as relações entre filosofia e psicanálise. O pessoal formado na UFSCar por mim, pelo Bento, pela professora Lúcia Prado, que também atuava na área, e na Unicamp, pelo Osmyr, o Monzani e o Loparic, entre outros, na PUC de São Paulo e na própria USP, começou

a se espalhar e se inserir academicamente, passando a formar mais gente e produzindo esse efeito multiplicador. (Esse processo também ocorreu em outras instituições e em outros estados – na UFMG, por exemplo, onde já houve uma linha de pesquisa formalizada em filosofia e psicanálise em sua pós-graduação –, mas, como eu disse no começo, só conheço um pouco melhor essa parte do processo que começou e transcorreu nas Universidades paulistas). Em 2002, no congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), realizado em São Paulo, um grupo de pesquisadores e pós-graduandos tomou a iniciativa de criar um Grupo de Trabalho (GT) em Filosofia e Psicanálise. No encontro seguinte da ANPOF, em 2004 em Salvador, decidiu-se realizar um congresso nacional (que logo virou internacional) em filosofia da psicanálise nos anos intercalados entre os congressos bienais da ANPOF. Assim I Congresso Internacional de Filosofia da Psicanálise (I CIFP) foi realizado na PUC-SP em 2005, organizado pelo nosso colega Leopoldo Fulgêncio, hoje na PUC de Campinas, que era o coordenador no GT nesse período (o primeiro coordenador tinha sido Vincenzo di Matteo, da Universidade Federal de Pernambuco). No congresso de 2006 da ANPOF, também realizado em Salvador, eu acabei assumindo a coordenação do GT e, em consequência, organizei o II CIFP na UFSCar em 2007. Para dar uma ideia do crescimento da área nesse meio tempo, tivemos, nesse congresso, 08 conferencistas internacionais, mais de 40 conferencistas nacionais, cerca de 100 trabalhos aceitos para apresentação nas sessões de comunicações e um público inscrito de cerca de 400 pessoas, mesmo se tratando de um evento realizado numa cidade pequena do interior. Esses eventos continuam ocorrendo regularmente de dois em dois anos: o III CIFP foi realizado na PUC-PR em Curitiba, em 2009, o IV CIFP na UFBA em Salvador em 2011 e o V CIFP na UNIFESP em São Paulo em 2013 (a realização do VI CIFP será decidida no encontro da ANPOF deste ano, no 2º Semestre). Paralelamente, há outros encontros, eventos e atividades ocorrendo em várias instituições, de forma regular ou episódica, seria muito trabalhoso mencionar tudo aqui.

Além disso, no plano internacional, foi criada em 2007, uma Sociedade Internacional de Psicanálise e Filosofia, cujos encontros anuais têm-se realizado

regularmente desde então, com uma forte participação de pesquisadores brasileiros, eu inclusive. Foram já realizados encontros em Paris, Leuven (Bélgica), Boston, Santiago do Chile, Nijmegen (Holanda) e Ghent (Bélgica), sendo que o próximo será realizado em Munique, em dezembro deste ano. Em 2010, o encontro foi realizado em São Paulo, na USP, de cuja organização eu participei. Participam dessa Sociedade e de suas atividades pesquisadores de todas as partes do mundo (Europa, Estados Unidos, América Latina, Austrália, Japão, etc.), psicanalistas e pesquisadores com interesses e formações muito variadas, mas que tem na filosofia e na psicanálise uma fonte de interesse comum.

Filosofia da Psicanálise, uma contribuição brasileira.

FRCN: *Filosofia da psicanálise: uma disciplina brasileira?*

RTS: Há duas questões embutidas nessa pergunta. Primeiro, se “filosofia da psicanálise” pode ser considerar uma “disciplina”; segundo, se há alguma especificidade da mesma no contexto brasileiro. Eu tenderia, um tanto quanto exploratoriamente, a responder afirmativamente a ambas. Pelo menos, tentei argumentar nessa direção em alguns trabalhos; por exemplo, num artigo intitulado “O que a filosofia da psicanálise é e o que ela não é” (Simanke, 2010b), republicado na coletânea que organizamos a partir do congresso de 2007 em São Carlos – *Filosofia da psicanálise: autores, diálogos, problemas* (Simanke et al., 2010) – e na introdução desse mesmo volume, intitulada “Filosofia da psicanálise: inventário de um novo campo disciplinar” (Simanke, 2010a). O primeiro artigo resultou, inicialmente, dos debates de que participei na PUC do Paraná quando da criação da linha de pesquisa em filosofia da psicanálise na pós-graduação em filosofia de lá. Eu particularmente gosto dessa expressão filosofia da psicanálise, porque é um genitivo bem consagrado e indicativo dessas áreas mais interdisciplinares da pesquisa filosófica (há uma filosofia *da* ciência, *da* técnica, *da* literatura, *da* música, etc.). No entanto, ela costuma causar certa resistência, sobretudo entre aqueles mais ligados à psicanálise, por ser normalmente entendida como designando um discurso filosófico

sobre a psicanálise. Eu procurei argumentar que não é esse o caso, que a expressão pode significar isso, mas também exprime um discurso filosófico formulado *a partir* da psicanálise (na medida em que a psicanálise é capaz de fornecer novas questões para a interrogação filosófica), assim como um discurso filosófico formulado *com* a psicanálise (na medida em que filosofia e psicanálise compartilhem problemas comuns, como é o caso do inconsciente, de sentido da ação, do problema ético e epistemológico que opõe liberdade e determinismo, e assim por diante). Retornando um pouco à história dessa área de pesquisa no Brasil, um marco importante foi a publicação, também na Editora Brasiliense, de outra coletânea organizada por Bento Prado Jr. intitulada justamente *Filosofia da psicanálise* (Prado, 1991). Era, a princípio, uma coletânea bem despreziosa, que reunia alguns textos do próprio Bento, do Monzani e do Osmyr, que resultava da colaboração entre UFSCar e Unicamp nessa área, realizada em torno do FFPP e do novo PPG em Filosofia e Metodologia das Ciências da UFSCar. Mas ela acabou se tornando uma obra de referência para essa área, um livro pioneiro que todo mundo cita quando trata do assunto. Na introdução, Bento justificava o uso da expressão “filosofia da psicanálise” no título, enfatizando que não era apenas uma via de mão única que levava da filosofia para a psicanálise (uma crítica filosófica desta última, por exemplo), mas também da psicanálise para a filosofia, na medida em que o impacto da psicanálise modificava a própria maneira de se encarar e de praticar a filosofia (ou seja, o genitivo “da” tinha que ser entendido no sentido objetivo e subjetivo, psicanálise e filosofia sendo alternadamente sujeito e objeto uma da outra). De certa maneira, o meu artigo que mencionei acima era um desenvolvimento e um detalhamento dessa ideia fundadora. Agora, quanto a se filosofia da psicanálise é uma disciplina brasileira, é preciso responder sim e não. Não, porque é claro que se estudam essas coisas fora do Brasil. Mas, sim, se considerarmos a dimensão e o grau de institucionalização que essa área de pesquisa atingiu no Brasil. Do ponto de vista institucional e sociológico, digamos assim, o caráter disciplinar é conferido por alguns fatores bastante concretos, como o número e o grau de inserção acadêmica e institucional dos pesquisadores da área, as redes de colaboração que se

constituem, a formalização da pesquisa em programas de pós-graduação e institutos, o acesso a financiamento, a realização regular de eventos da área, em nível regional e nacional e, por fim – uma questão que está bastante na moda nas agências de fomento à pesquisa – o grau de internacionalização da área. Todas essas características se encontram presentes na cena brasileira, isto é, atingimos uma espécie de massa crítica que permite a autopropagação e o desenvolvimento mais ou menos espontâneo do trabalho nesse campo. Por exemplo, eu posso me considerar da 2ª geração de pesquisadores nessa área, já que fui aluno de seus pioneiros fundadores (Bento Prado, Osmyr Gabbi Jr, Monzani, etc.). Atualmente, meus ex-alunos já estão atuando em pós-graduação e formando novos pesquisadores, de modo que podemos falar de pelo menos 04 gerações de pesquisadores em ação nesse campo. Isso parece suficiente para, desse ponto de vista mais sociológico, caracterizar o caráter disciplinar da pesquisa em filosofia da psicanálise, em considerá-la uma subdisciplina dentro do campo mais amplo da filosofia. O que falta, talvez, é um pouco de autoconsciência desse fenômeno, o que se deve, também, a que, no Brasil, a gente ainda reflete pouco sobre a nossa própria história intelectual, pelo menos o que se refere à filosofia. Nós estudamos pouco e nos referimos pouco aos trabalhos uns dos outros. Eu tentei trabalhar um pouco nessa direção, como contribuição ao fomento dessa autoconsciência. Organizei, junto com Leopoldo Fulgêncio, uma coletânea chamada *Freud na filosofia brasileira* (Fulgêncio & Simanke, 2005), reunindo alguns trabalhos seminais de Bento Prado Jr., Osmyr Faria Gabbi Jr., Luiz Roberto Monzani, Zeljko Loparic e Ernildo Stein, enfatizando seu caráter fundador e as linhas de pesquisa que deles se originaram dentro da filosofia brasileira. Além dos textos sobre o sentido mais geral da filosofia da psicanálise que mencionei acima, publiquei dois outros textos sobre o pensamento filosófico de Bento Prado Jr e Luiz Roberto Monzani: “Ficções do interlúdio: Bento Prado Jr. e a filosofia da psicanálise” (Simanke, 2007) e “A arte da leitura e os efeitos do pensar: uma introdução ao pensamento filosófico de Luiz Roberto Monzani” (Simanke, 2011), publicado numa coletânea que organizamos em homenagem ao Monzani, chamada *O movimento de um pensamento:*

ensaios em homenagem a L. R. Monzani (Simanke, Caropreso & Bocca, 2011). Pretendo realizar mais trabalhos nessa linha no futuro, se tiver tempo e energia para tanto.

Por outro lado, nas nossas relações e intercâmbios com pesquisadores de outros países, que têm sido cada vez mais sistemáticas e frequentes nos últimos anos, é possível perceber que um movimento com essas dimensões não existe em outros lugares. Então, eu acho que dá para dizer que essa é uma característica brasileira, da filosofia brasileira. Nossos colegas do exterior têm, aliás, essa percepção de que no Brasil se discute ampla e intensamente essa interface entre psicanálise e filosofia. Eles sempre se surpreendem com o tanto de coisas que acontece por aqui, com o tamanho do público que ocorre aos eventos, etc. Isso se reflete também na receptividade aos pesquisadores brasileiros nessa área.

Considerações finais – os possíveis resultados.

FRCN: *Quais os efeitos desta relação tanto para a filosofia como para a psicanálise?*

RTS: Vou responder rapidamente, porque acho que já me alonguei demais e, em todo caso, uma resposta exaustiva para essa pergunta exigiria um tratado. Em suma, o benefício recíproco que se pode esperar dessa relação é aquele que advém de toda interdisciplinaridade responsável, isto é, aquela que não é apenas um exercício de ecletismo. A filosofia pode conferir rigor conceitual à pesquisa em psicanálise, e a psicanálise pode contribuir para renovar o elenco dos problemas filosóficos, abrir caminhos para novas maneiras de filosofar. A filosofia brasileira foi dominada por muito tempo por um modelo bastante restrito de pesquisa, centrado na história da filosofia e, mais que isso, numa história da filosofia que privilegia sempre um pequeno número de figurinhas carimbadas, digamos assim, e que é praticada com muita competência técnica, mas, por outro lado, precisa encontrar uma maneira de parar de olhar apenas para o próprio umbigo. A relação com a psicanálise pode servir para ventilar

algumas alternativas, assim como a abertura da filosofia para qualquer outra área do conhecimento, da ciência, da arte, da política, da história e assim por diante. Agora, essa é uma tarefa um tanto complicada na prática, e quem se dedica a ela tem que estar preparado para alguns percalços ao longo do caminho. “Interdisciplinaridade” é uma palavra bonita, de que todo mundo gosta, todo mundo elogia e tal, mas na hora do “vamos ver” o que a maioria quer mesmo é, ainda, especialização. Então, se você não quer ter dor de cabeça em sua vida acadêmica, o melhor a fazer é escolher uma área de pesquisa bem consolidada, fazer toda a sua formação nela e nunca mais sair dali. Assim, você sempre vai saber com quem conversar, de quais eventos participar, para quais periódicos mandar os seus trabalhos e para qual área ou comissão enviar os seus pedidos de financiamento. Depois de um tempo, as coisas ficam bem azeitadas e começam a andar por si sós. Com uma proposta interdisciplinar, ao contrário, você sempre fica num limbo – um “estrangeiro em toda parte”, como diz Aristipo a Sócrates nas *Memorabilia* de Xenofonte. E corre o risco de mal-entendidos, dos filósofos dizerem que aquilo não é filosofia e dos psicanalistas dizerem que não é psicanálise e torcerem o nariz se você não tem experiência clínica, e assim por diante. Mas, por outro lado, é bem mais divertido.

Referências bibliográficas

Arantes, P. (1991). Um Hegel errado, mas vivo. *Ide*, 21, 72-79.

Arantes, P. (1994). A musa do departamento: Bento Prado Jr e a filosofia uspiana da literatura nos anos 60. In P. Arantes, *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60)* (pp. 170-235). São Paulo: Paz e Terra.

Assoun, P.-L. (1976). *Freud, la philosophie et les philosophes*. Paris : PUF.

Assoun, P.-L. (1980). *Freud et Nietzsche*. Paris: PUF.

Barclay, J. R. (1964). Franz Brentano and Sigmund Freud. *Journal of Existentialism*, 5, 1-36.

Benveniste, É. (1966). *Problèmes de linguistique générale* (Tome I). Paris : Gallimard.

Benveniste, É. (1974). *Problèmes de linguistique générale* (Tome II). Paris: Gallimard.

Boehlich, W. (Ed.) (1989). *Sigmund Freud Jugendbriefe an Eduard Silberstein (1871-1881)*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag.

Chauí, M. (1980). *O que é ideologia?* (Coleção Primeiros Passos). São Paulo : Brasiliense.

Chauí, M. (1982). *Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense.

Dalbiez, R. (1936). *La méthode psychanalytique et la doctrine freudienne*. Paris : Desclée de Brouwer. 2 vols.

Ferenczi, S. (1991). Filosofia e psicanálise. In M. Balint (Ed.), *Sandor Ferenczi. Obras completas* (Vol. I, pp. 213-220). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1912)

Freud, S. (1975a). Psychoanalytic Notes on an Autobiographical Account of a Case of Paranoia (Dementia Paranoides). In J. Strachey (Ed. And Trans.), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 1-84). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1911)

Freud, S. (1975b). Totem and Taboo. In J. Strachey (Ed. And Trans.), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. XIII, pp. 1-164). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1913)

Freud, S. (1992). *Zur Auffassung der Aphasien: eine kritische Studie*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Trabalho original publicado em 1891).

Fulgêncio, L. & Simanke, R. T. (2005). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta.

Gill, M. (1976). Metapsychology is Not Psychology. In M. Gill & P. S. Holzman (Eds.), *Psychology versus Metapsychology: Psychoanalytic Essays in Memory of George S. Klein* (pp. 71-105). Madison, CT: International Universities Press.

Grünbaum, A. (1984). *The Foundations of Psychoanalysis: A Philosophical Critique*. Oakland, CA: University of California Press.

Heidegger, M. (2002). *Qu'est-ce que la métaphysique ?* (H. Corbin, Trad.). Paris : Nathan. (Trabalho original publicado em 1929)

Holt, R. (1989a). The Manifest and Latent Meanings of Metapsychology. In R. Holt, *Freud Reappraised: A Fresh Look at Psychoanalytic Theory* (pp. 15-33). New York: Guilford Press.

- Holt, R. (1989b). Death and Transfiguration of Metapsychology. In R. Holt, *Freud Reappraised: A Fresh Look at Psychoanalytic Theory* (pp. 305-323). New York: Guilford Press.
- Kojève, A. (1947). *Introduction à la lecture de Hegel*. Paris: Gallimard.
- Lacan, J. (1966). L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In J. Lacan, *Écrits* (pp. 493-528). Paris : Seuil.
- Lacan, J. (1973). *Le Séminaire, Livre XI, Les quatres concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1964). Paris : Seuil.
- Lacan, J. (1975). *Le Séminaire, Livre I, Les écrits techniques de Freud* (1953-1954). Paris : Seuil.
- Lacan, J. (2001). *Le Séminaire, Livre VIII, Le transfert* (1960-1961). Paris : Seuil.
- Lacan, J. (2004). *Le Séminaire, Livre X, L'angoisse* (1962-1963). Paris : Seuil.
- Lacan, J. (2007). *Le mythe individuel du névrosé ou poésie et vérité dans la névrose*. Paris : Seuil. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lehrer, R. (1994). *Nietzsche's Presence in Freud's Life and Thought: On the Origins of a Psychology of Dynamic Unconscious Mental Functioning*. Albany, NY: State University of New York Press.
- MacIntyre, A. (2004). *The Unconscious: A Conceptual Analysis*. London: Routledge. (Trabalho original publicado em 1958)
- MacKay, N. (1989). *Motivation and Explanation: An Essay on Freud's Philosophy of Science*. Madison, CT: International University Press.
- Marton, S. (2004). *A irrecusável busca do sentido: autobiografia intelectual*.

São Paulo: Ateliê Editorial.

Masson, J. M. (Ed.) (1986). *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Cambridge, MA: Belknap Press.

McGrath, W. J. (1986). *Freud's Discovery of Psychoanalysis: The Politics of Hysteria*. Ithaca, NY: Cornell University Press.

Merlan, P. (1945). Brentano and Freud. *Journal of the History of Ideas*, 6 (3), 375-377.

Merlan, P. (1949) Brentano and Freud: a sequel. *Journal of the History of Ideas*, 10 (3), 451.

Mezan, R. (1982). *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva.

Mezan, R. (1985). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense.

Monzani, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp.

Nitzchke, B. (1998). *Aufbruch nach Inner-Afrika: Essays über Sigmund Freud und die Wurzeln der Psychoanalyse*. Gottingen: Vandenhoeck und Ruprecht.

Politzer, G. (1928). *Critique des fondements de la psychologie*. Paris : Rieder.

Prado Jr., B. (Ed.) (1982). *Filosofia e comportamento*. São Paulo: Brasiliense.

Prado Jr., B. (1985). *Alguns ensaios: filosofia, literatura, psicanálise*. São Paulo: Max Limonad.

Prado Jr., B. (Ed.) (1991). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.

Prado Jr., B. (2004). *Erro, ilusão, loucura: ensaios*. São Paulo: Ed. 34.

Raicovic, P. (1994). *Le sommeil dogmatique de Freud (Kant, Schopenhauer, Freud)*. Le Plessis-Robinson: Synthélabo (Les Empêcheurs de Penser en Rond).

Ricoeur, P. (1965). *De la interprétation : essai sur Freud*. Paris : Seuil.

Ryle, G. (1949). *The Concept of Mind*. London: Hutchinson House.

Sachs, D. (1991). In *Fairness to Freud: A Critical Note of The Foundations of Psychoanalysis*, by Adolf Grünbaum. In J. Neu (Ed.), *The Cambridge Companion to Freud* (pp. 309-338). Cambridge, Uk: Cambridge University Press.

Schreber, D.-P. (1995). *Memórias de um doente dos nervos* (Marilene Carone, Trad.). São Paulo: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1911)

Simanke, R. T. (2005). Nem filósofo, nem antifilósofo: notas sobre o papel das referências filosóficas na construção da psicanálise lacaniana. *Natureza Humana – Revista de Filosofia e Psicanálise*, 7 (1), 9-58.

Simanke, R. T. (2007). As ficções do interlúdio: Bento Prado Jr. e a filosofia da psicanálise. *O que nos faz pensar*, 22, 67-88.

Simanke, R. T. (2009). *A formação da teoria freudiana das psicoses*. São Paulo: Loyola. (Trabalho original publicado em 1994)

Simanke, R. T. (2010a). Filosofia da psicanálise: inventário de um novo campo disciplinar. In R. T. Simanke et al. (Eds.). *Filosofia da psicanálise : autores, diálogos, problemas* (pp. 7-11). São Carlos: EDUFScar.

Simanke, R. T. (2010b). O que a filosofia da psicanálise é e o que ela não é. *Educação Temática Digital*, 11, 189-214.

Simanke, R. T. (2011). A arte da leitura e os efeitos dos pensar: uma introdução ao pensamento filosófico de Luiz Roberto Monzani. In R. T. Simanke, F. Caropreso & F. Bocca, *O movimento de um pensamento: ensaios em homenagem a Luiz Roberto Monzani* (pp. 15-38). Curitiba: Editora CRV.

Simanke, R. T., Caropreso, F. & Bocca, F. (2011). *O movimento de um pensamento: ensaios em homenagem a Luiz Roberto Monzani*. Curitiba: Editora CRV.

Simanke, R. T. et al. (Eds.) (2010). *Filosofia da psicanálise : autores, diálogos, problemas*. São Carlos: EDUFSCar.

Stuart Mill, J. (1979). An Examination of Sir William Hamilton's Philosophy. In J. M. Robson (Ed.), *The Collected Works of John Stuart Mill* (Vol. IX). Toronto and London: University of Toronto Press and Routledge and Kegan Paul. (Trabalho original publicado em 1865)

Tribolet, S. (2008). *Plotin et Lacan: la question du sujet*. Paris : Beauchesne.

Wisdom, J. (1953). *Philosophy and Psycho-Analysis*. Oxford, UK: Blackwell.

Wollheim, R. (Ed.) (1974). *Freud: A Collection of Critical Essays*. New York: Anchor Books.

Wollheim, R. (1981). *Sigmund Freud*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Wollheim, R. & Hopkins, J. (Eds.) (1983). *Philosophical Essays on Freud*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Reflections on the research area Philosophy of Psychoanalysis: a testimonial on its constitution in São Paulo

Abstract

This article aims to contribute to a reflection about the dialogue between Philosophy and Psychoanalysis from the 1970s with regard to appropriation by Brazilian intellectuals, especially in the scenario of the state of São Paulo. Significant events such as dissertation Mezan, the thesis Monzani and political and intellectual role Bento Prado Jr., among others, marked indelibly ourselves how the dialogue between Philosophy and Psychoanalysis in Brazil. It is from these peculiarities that we can reflect on the construction and development of a research field called Philosophy of Psychoanalysis as one Brazilian contribution.

Keywords: Philosophy of Psychoanalysis; Psychoanalysis in Brazil; Philosophy; São Paulo.

Réflexions sur le domaine de recherche Philosophie de la Psychanalyse: un témoignage sur sa constitution à São Paulo

Résumé

Cet article vise à contribuer à une réflexion sur le dialogue entre la Philosophie et la Psychanalyse dans les années 1970 en ce qui concerne l'appropriation par les intellectuels brésiliens, en particulier dans la scène de São Paulo. Événements importants tels que la mémoire de Mezan, la thèse de Monzani et le rôle politique et intellectuelle de Bento Prado Jr., parmi d'autres, ont marqué de façon indélébile la forme comme s'est établi le dialogue entre la Philosophie et la Psychanalyse au Brésil. C'est à partir de ces particularités qu'on peut réfléchir sur la construction et le développement d'un domaine de recherche appelé la Philosophie de la Psychanalyse comme une contribution brésilienne.

Mots-clés: Philosophie de la Psychanalyse, La psychanalyse au Brésil, Philosophie, São Paulo.

Reflexiones sobre el área de investigación Filosofía del Psicoanálisis: una declaración sobre su constitución en São Paulo

Resumen

Este artículo tiene por objeto contribuir a una reflexión sobre el diálogo entre Filosofía y Psicoanálisis de la década de 1970 con respecto a la apropiación por parte de los intelectuales brasileños, especialmente en la escena de São Paulo. Hechos relevantes tales como la disertación de Mezan, la tesis de Monzani y el papel político e intelectual de Bento Prado Jr., entre otros, marcaron indeleblemente el diálogo entre la filosofía y el psicoanálisis en Brasil. Es a partir de estas peculiaridades que pueden reflejar en la construcción y el desarrollo de un campo de investigación llamado Filosofía del Psicoanálisis como contribución brasileña.

Palabras-clave: Filosofía del Psicoanálisis, Psicoanálisis en Brasil, Filosofía, São Paulo.

Recebido/Received: 1.6.2014/6.1.2014

Aceito/Accepted: 4.6.2014/6.4.2014

Richard Theisen Simanke

Doutor em Filosofia pela USP (1997), mestre em Filosofia e Metodologia das Ciências pela Universidade Federal de São Carlos (1992). Autor de trabalhos como Metapsicologia Lacaniana: os anos de formação (Discurso, 2002), A Formação Freudiana da Teoria da Psicose (Edições Loyola, 2009), Freud na Filosofia Brasileira (Escuta, 2005), entre outros. Professor da Universidade Federal de São Carlos entre 1994 e 2012. Atualmente, é Professor Associado do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). richardsimanke@uol.com.br